

DEPOIS DE 40 (E TANTOS) ANOS DE CAROLICE:

Sobreviver sem Apoios, ou a Odisseia do «Grupo de Cantares de Manhouce»

Entrevista conduzida por Valentim F. Bizarro

Decorria o mês de Maio de 1938, quando, numa povoação serrana do planalto da Serra da Gralheira, que dá pelo nome de Manhouce, houve lugar para «dar vida» a um rancho folclórico que, saliente-se, logo viria a dis-

tinguir-se pela originalidade dos seus trajes, das suas canções e das suas danças.

De resto, como escrevera então aquele que terá sido, decerto, não somente um impulsionador, como um de entre os maiores «estimuladores» ao seu desenvolvimento, sr. Serafim da Costa (escritos que, por feliz coincidência, o nosso solícito correspondente, sr. Celso da Costa, nos remeteu para publicação, o que faremos paralelamente à presente entrevista — com passado, presente e perspectivas fu-

Continua na pág. 4

DEPOIS DE 40 (E TANTOS) ANOS DE CAROLICE:

Sobreviver sem Apoios, ou a Odisseia do «Grupo de Cantares de Manhouce»

(Continuação)

turas) à originalidade de tais adjetivos se fica efectivamente devendo o facto de, num Concurso Nacional, Manhouce ser considerada a 2.ª Aldeia mais Portuguesa.

Formado há mais de 40 anos, o «Grupo de Cantares de Manhouce» tem vindo de facto a apresentar e a ser o intérprete fiel do folclore regional, quasi fonte opulenta, onde muitos outros têm vindo «beber», isto porque, tais cantares tem a originalidade do seu povo, interpretados tal qual como este o faz nos seus afazeres quotidianos, e que constituem uma herança de pais a filhos, de geração a geração, as quais o Grupo se preza e orgulha de defender ainda que, talvez por isso mesmo,

estímulo, de exaltação pelo passado e com confiança no futuro.

Ouvir os nossos interlocutores, para além de facilimo, foi um prazer, tal o entusiasmo e vibração com que nos falaram e historiaram a vida do grupo:

— A partir dos anos 40, apesar das saídas serem esporádicas, já porque naquele tempo, não existiam grandes festas, mas também por o folclore não estar ainda muito enraizado, o Rancho de Manhouce continuou em actividade, apesar das nossas actuações se limitarem mais a nível local. Apesar disso,

rios níveis sociais.

Depreende-se, portanto, que todo o vosso trabalho visa a preservação de um tipo de folclore com profundas raízes nesta terra?

— É verdade. Todos os cantares e memoriais que hoje apresentamos, foram passados de pais a filhos, de geração em geração portanto, são mesmo nativos de Manhouce.

Como irizou já na «Tribuna» o sr. Inspector Beato, nós não precisamos de ir buscar o que quer que seja fora. Alguns outros, que os cantam, é que vêm aqui recolhê-los, facto que leva os «velhinhos» a expressões como estas: «essa moda é daqui», ou «aquela moda é nossa». Isto porque são estros os cantos que o próprio Povo canta nos seus trabalhos, ou quando se agrupa, por exemplo, nas «liradas» (liradas, é quando se tira o estreme para as terras) ou se juntam nas ceifas (o povo ajuda-se mutuamente; hoje na ceifa deste, amanhã, na daquele) cantando em grupo e a 3 vozes.

Corrigido a forma de actuação, para não se verificar dispersão de vozes, como então, o «Grupo de Cantares de Manhouce» não se afastou um milímetro, que seja, dessas tradições e, hoje, executa-as fielmente.

Graças a toda essa genuidade, o facto de Manhouce quase ser

considerada a Aldeia mais Portuguesa. Terá isto algo a ver com todo este desejo de conservadorismo?

— Concerteza que sim!

Naquela altura, nós ainda eramos novos, mas fomos recebendo e ficando no ouvido com quanto se dizia sobre Manhouce e, com enorme satisfação, continuamos a esforçar-nos por preservar esse nome. Este, e o problema das pessoas gostarem muito daquilo que é seu. Cantam-no porque gostam de o fazer.

Também os trajes da mulher, que são efectivamente

tradição.

O Grupo esforça-se por apresentar e defender exclusivamente este género de música, ou exhibe qualquer tipo?

Exibimos, exclusivamente, as canções originais que o povo de Manhouce canta e todas elas já eram interpretadas nos anos 40. Se, efectivamente, temos algumas que o não sejam, não deixaram de ser pessoas desse tempo que no-las ensinaram.

Apesar de, em poucos anos 80, a originalidade das vossas can-

TALVEZ NÃO SAIBA QUE...

— O Jornal «Primeiro de Janeiro, de 11 de Outubro de 1938, dedica uma página a Manhouce, ilustrada com fotos do Arco (de que se faz alusão nos escritos do Sr. Serafim Costa), d'uma pastora a fiar e com o farnel à cabeça, dos trajes regionais e do rancho.

— Que o Jornal «Diário do Norte» (hoje já não existe), em 1960, fez referência, ilustrada com uma passagem da sua actuação, à participação do «Rancho de Manhouce» no 4.º Festival de Viana do Castelo.

— Em 1961, o «Grupo de Cantares de Manhouce», participou na Feira Internacional de Santarém.

— Que a maioria dos 32 componentes iniciais, felizmente, ainda vive.

— Que, no Festival Algarve/80, por 3 dos tempos, que as mulheres de Manhouce ostentavam, ofereceram 100 contos!!!

nunca tenha sido contemplado com qualquer forma de apoio!

Mas tudo isto, as gentes Manhoucenses ultrapassam graças à sua carolice e espírito batrista, quantas vezes (ainda hoje isso poderá acontecer) suportando o custo das próprias deslocações! Era o desejo de transmitir e proporcionar ao próximo toda essa magnífica riqueza.

Por tudo isto e pelo que mais adiante se verá, mais do que justo, era um dever, ouvir alguém ligado ao «Grupo de Cantares de Manhouce», que nos desse conta de toda esta odisseia.

Nesta perspectiva, um dia destes, subimos (acompanhados de J. Penedo, que também preparava a realização — que já aconteceu — de uma gravação para possível edição em discos) a serra e lá fomos encontrar, à nossa espera, a Prof. Isabel Silvestre, uma das mais cintilantes e prodigiosas vozes do grupo e o sr. António Lourenço da Silva, a quem um dia, às portas da morte, o indito Serafim Costa chamou e disse: «Não deixes morrer isto».

O prometido é cumprido. O «Grupo de Cantares de Manhouce» ali está, chelo de

estivemos com o Cancionero de A'gueda, na inauguração da FNAT (hoje INATEL), nas Termas; actuámos nas Festas da Vila e nas de Arouca, coincidindo aqui com a nossa primeira saída, e ali voltando muitas vezes depois disto, antes de se verificar a formação do Rancho de Arouca. Em 1961, ainda que só com o Grupo de Cantares, também estivemos na Feira Internacional de Santarém.

Depois, verificar-se-ia um «adormecimento». Veio a emigração e a falta de elementos repercutiu-se, principalmente na parte de dança, já que a de cantares continuou sempre e ainda hoje se mantém.

Nós deixámos prosseguir:

— Neste momento, temos também um Rancho Infantil, esperando, através dele, conseguir o ressurgimento e a continuação do Rancho Folclórico de Manhouce.

O Rancho que referimos engloba, neste momento, cerca de 30 elementos, sendo amparado e conduzido pelo «Grupo de Cantares», actualmente apenas com 15 elementos, mas em vias de ser ampliado para 20, dele fazendo parte pessoas de vá-

CÂMARA DE GUIMARÃES RECONHECIDA!

Eis o teor do ofício n.º 4826, de 24 de Outubro p. p., da Câmara Municipal de Guimarães, dirigido ao Director do «Grupo de Cantares de Manhouce»:

«Reconhecidamente venho agradecer a Vossa magnífica actuação nesta Cidade quando do Congresso Internacional de Termalismo e Climatismo.

A Vossa actuação, principalmente a do dia 17, foi inolvidável e fica como um marco demonstrativo do que pode um pequeno grupo fazer, na manutenção duma Cultura ancestral, que é património de todos os Portugueses.

Fazemos votos para que continuem a trabalhar na recolha de um cancionero tão rico e que, sem este esforço, correria o risco de se perder para sempre. Com os meus melhores cumprimentos.

O Vereador do Pelouro da Cultura,
a) Manuel Ferreira.

— Isto fala por si!

uma coisa impar no Folclore Nacional. A Mulher Manhoucense veste-se ricamente, ostentando no peito muito ouro. É uma tradição que ainda hoje se mantém. No fim de missas, pelo menos no Verão, quando o challe já não vem a cobrir os peitos, vê-se ainda muito ouro na mulher. Este é um por menor, além de outros, claro, do desejo de manter tal

ções se manter, a verdade é que, são outros os tempos. Será que todas «estas mudanças» não deram azo a que antigos componentes (dos anos 40) deixem de se interessar e apoiar o Grupo

Continua na pág. 5

A Cor é Vida

A PHILIPS traz-lhe a cor natural
— Comemore o seu Natal, adquirindo um T. V. PHILIPS.

Visite a Grande Exposição na:

«Electro-Rádio S. Pedro, L.ª»

Telefone 72261 — S. PEDRO DO SUL

DEPOIS DE 40 (E TANTOS) ANOS DE CAROLICE:

Sobreviver sem Apoios, ou a Odisseia do «Grupo de Cantares de Manhouca»

(Continuação)

de Cantares?

— Claro que são pessoas já de idade um tanto à parte destas coisas. Porém, quando é altura de se exhibir o Rancho ou o Grupo de Cantares, elas lá estão, revivendo o passado e, aí daquele que diga algo em desabono, que logo tem um «inimigo» à perna.

Ainda agora, quando fomos ao Algarve, logo que começou a emissão, a maior parte levantou-se e foi colocar-se, nervosamente, perto do televisor na ânsia de ver se conseguia agarrar-nos. Então, quando chegámos à aldeia, nem queira saber! Entre muitas outras manifestações de regozijo e de satisfação, uma idosa, logo que nos viu disse: «Tenho que vos dar um grande abraço! Olhem que estava sentada, levantei-me para junto da televisão, atirei com o chapéu ao chão, louvado seja o Senhor, como aquilo foi tão lindo». Este é o sentimento puro de quem vive e se interessa pela expansão do Grupo.

Participar num festival de folclore apenas com o Grupo de Cantares foi «risco» que constituiria assinalável êxito. Será que os reflexos deste, já se fizeram sentir?

Fomos ao Festival - Algarve/80, onde tivemos escassos 6 minutos para actuar.

É difícil saber se agradámos. Apercebemo-nos, isso sim, do silêncio absoluto que a nossa actuação provocou naquele mar de gente que se encontrava na Praia da Rocha. Milhares e milhares de pessoas, naquele anfiteatro, todos de olhar suspenso em nós e num silêncio tal que, se passasse uma mosca, era bem capaz de ser ouvida. Apenas por isto, nos apercebemos que a nossa actuação estava a sair mais ou menos bem.

— O porquê da não apresentação de dança, foi esclarecido pelos nossos interlocutores:

O Grupo é constituído por muito pouca «figura» e, para se fazer uma demonstração de dança capaz, requer pelo menos 16 figuras (8 pares), enquanto nós somos, para já, apenas 14, com tocadores 3 vozes.

Há uma determinação, muito especial aliás, ao que parece a nível de todos os festivais, em não permitir a actuação de grupos infantis e assim se verificou.

Depois do Algarve, talvez já reflexo da nossa actuação, fomos convidados para abri-lhantar um jantar com que a cidade de Guimarães presenteou, no Palácio dos Duques, os participantes no Congresso de Termalismo e Climatismo, que decorreu na Póvoa de Varzim.

A nossa actuação que, nos claustros, dedicaria uns números aos Senhores Governador Civil e Presidente da Câmara, constituiu, sem margem de dúvidas, uma jornada inesquecível, acabando por ser convidados para ficar mais um dia, para uma actuação alternada com o Orfeão do «Coelima», onde também nada ficámos a dever a actuações anteriores, como o confirmou, no final, a platela, toda em pé, a ovacionar-nos e o ofício, recebido posteriormente da Câmara Municipal de Guimarães.

Como estamos no aspecto de apoios e dificuldades?

Bem!

No que concerne a apoios, há uma história interessante a contar. Fomos ao Festival do Algarve com estadia e viagens pagas. Todavia, como era muito distante, necessitámos de pernoitar em Lisboa e, por tal, a Empresa levar-nos-ia mais 2 mil escudos, que pagámos do nosso bolso, além do combinado. É claro que também tivemos que almoçar e jantar pelo caminho, o mesmo acontecendo no regresso, o que originou chegar aqui com um déficit bastante elevado. Felizmente, que tivemos depois o apoio da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, que permitiu saldar esse déficit, o que a não suceder, seria suportado por todos nós. À parte isto, nunca ninguém mais se lembrou de nós, se bem que também nunca tenhamos solicitado nada.

Agora sim, atingimos o ponto em que se nos afigura que as pessoas, melhor, as entidades responsáveis, terão o dever de olhar para nós de maneira bem diferente. É que necessitamos, imperiosamente, duma sede, onde possamos guardar tudo o quanto pertence ao grupo, preservar os nossos trajes, guardar as recordações re-

presentativas do que vimos fazendo, dispôr do nosso arquivo e, além de mais, onde também se possam realizar os ensaios. Enfim, precisamos de ter a nossa casa própria.

Objectivos próximos?

O nosso maior objectivo é, sem dúvida, a concretização de apoios para o indispensável salão. Por eles, nós iremos bater, insistentemente, junto das respectivas entidades que, esperamos, reconheçam o benefício que temos prestado ao Folclore Regional, melhor, Nacional, trabalho esse que se fica devendo ao esforço de uns tantos, cujos sacrifícios são incalculáveis.

Como reage a população a todas estas vicissitudes?

Rejubila com tudo isto, não só por gostar imenso, mas porque, isso mesmo faz parte da sua vida. Quando alguém se junta e começa a cantar, se por acaso as vozes não combinam, logo os outros advertem: «Eh meninos, isso está mal, vocês estão a «ralhar» (vozes que não saem certas) muito, toca a cantar bem, senão mais vale não o fazer...

Servirá isto de estímulo para que o grupo prospere?

Temos essa esperança!

Hoje somos nós os executantes, amanhã poderão ser outros, cabendo-nos, para já, a nós reestruturar o Grupo, de forma a que possa desenvolver-se, pois não estamos livres que, daqui a uns anos, senão mesmo daqui a dias, qualquer dos actuais elementos possa estar doente numa cama.

Necessitamos, por via disso, de estar precavidos e ter novos elementos que possam, neste caso, substituir aqueles outros de forma condigna, sem que o Grupo venha a ressentir-se.

Só que a desejada reestruturação do Grupo, a conservação dos trajes, a aquisição de alguns instrumentos que nos faltam, assim como outros afins, passam pela necessidade de apoios, pois de «mãos vazias», não vamos a parte alguma.

Para já, temos a promessa de um subsídio do sr. Governador Civil, o que não

Continua na pág. 7

VENDE-SE

QUINTA, com 34.000 m², com terra culta e inculta e bastante água, em Freixo-Serrazes.

Informa: Bernardino Rodrigues Simões (Carro de Alaguer) — S. Pedro do Sul — Telef. 724 09.

Sobreviver sem Apoios, ou a Odisseia do «Grupo de Cantares de Manhouce»

(Continuação)

será tudo, mas bem poderá servir para o despoletar de nova caminhada do «Grupo de Cantares de Manhouce». Esta a esperança que nos anima.

E à nossa última interpelação, responderiam assim os nossos interlocutores:

Há uma pessoa que tem sido incansável e seria injustiça não o realçar aqui. Referimo-nos ao Dr. Carlos Matias a quem, efectivamente, muito devemos, pois a ele se fica a dever, sem dúvida, este nosso relançamento.

A maioria de nós, habituados a viver na aldeia, fomos daqui para o Algarve, ficando em Portimão, necessitando de alguém que nos orientasse e indicasse onde ficava e a que horas devíamos estar na «Torraltas», em Alvor, ou na Praia da Rocha.

O nosso Guia foi, efectivamente, o Dr. Carlos Matias que, com o seu carro, precedendo o nosso auto-carro, percorreu todos aqueles pontos, conduzindo-nos a todos eles, a tempo e horas.

Isto não é tarefa para qualquer, mas tão somente para uma pessoa que goste muito deste Grupo, que também é seu, ou não fosse ele (Dr. Matias) filho do nosso Concelho.

Por tudo isto e ainda mais, nós estamos gratos e em dívida para com o Dr. Matias que, depois do Algarve nos lançou imediatamente em Guimarães e, certamente, não deixará de o voltar a fazer para outro qualquer local. Assim, por seu intermédio, podemos chegar mais facilmente a qualquer parte, o que poderá acontecer já, em princípios de Fevereiro, para um festival, de 3 ou 4 dias, em Lisboa.

E esta nossa entrevista chegara ao fim. Apesar de longa, por certo, não terá abordado tudo quanto se desejava. Entretanto, especialmente para quantos que muitas vezes só «sabem» de formar aquilo que nos pertence, como herança dos nossos antepassados, para estes dizia, aqui fica esta enorme

lição do «Grupo de Cantares de Manhouce», com o desejo que dela possa extrair-se algo que a todos sirva.

V. F. B.

Biografia Manhoucense I

E' de certo modo bem curiosa a história desta Freguesia, cuja origem ascende à fundação da própria nacionalidade.

Aqui, deveriam ter vivido os Romanos, pensando-se que, por eles, teriam sido construídas 2 pontes e a estrada que atravessa a Freguesia, consideradas assim de tão remanescente.

E' tradição local ter existido uma albergaria, fundada pela Rainha D. Mafalda, o que de certo modo se justifica, dado ter sido Manhouce atravessada pela antiga estrada Porto-Aveiro-Viseu.

Em boa verdade, não existe já qualquer vestígio da albergaria, fundada pela mulher do nosso 1.º Rei, pelo que a sua existência passou a ser simples tradição.

Diz-se que a Igreja Matriz serviu já de Hospital de Sangue, na Invasão Francesa.

A criação de gado caprino é feita nas zonas mais elevadas da Serra, em rebanhos aduados, guardados, em comum, pelos respectivos donos, revesando-se, e este costume aumentou a característica de Região Serrana.

Ao contrário de ser uma terra fria, árida e pobre, como alguém escreveu, Manhouce tem seus pastos ricos e é fértil em gado e mantelga.

Manhouce ergue-se no planalto, numa pequena chá da Serra da Gralheira. A casa de Manhouce, embora esteja a perder um tanto a sua característica, primitiva é ainda, na maior parte, construída por pedra solta, com vigamentos fortes, sem rebocos, nem pinturas; os telhados são de colmo, ou ardósia, tendo talvez sido este particular que deu a Manhouce a classificação da 2.ª Aldeia mais Portuguesa.

A mulher de Manhouce é alta, forte, desempenada e mantém muito o traje regional. Tem dois trajes. O de Trabalho e o de Festa. O Traje de Trabalho é escuro, quase preto, triste como a

serra escalvada; as principais peças de vestuário são: saia rodada, avental, blusa e lenço, tudo da mesma fazenda, excepto o lenço, que é de algodão, ou lã, com algumas ramagens, ou liso. A saia, a blusa e o avental são de lã de costa de ovelha e de burel, pano tecido em teares primitivos.

Na cabeça, um chapuzinho de algodão, ou lã. O Traje de Festa é garrido e luxuoso, realçado por muito ouro que a mulher ostenta orgulhosa no peito e nas orelhas. As principais peças deste vestuário são: saia preta, de merino, ou de lã, de cores escuras, ou encarnadas, com barras de veludo preto, ou seda, presa abaixo da cintura por uma faixa (que se chama cinta) de lã preta; blusa larga, de cores claras, com pregas e rendas, ou bordados na gola e nas mangas. Destas, umas terminam em folhos largos, apertados no pulso, com botão ou elástico, outras são direitas, de punho simples, apertadas com um botão. Algumas blusas são enfeitadas no peito, com fitas de seda, alternando com as rendas, lenço de seda ou de lã, estampado com ramagens vistosas e de variadas cores, avental preto, azul ou verde, com fitas de seda preta transversais. Na cabeça, sob o lenço, um tipo de chapuzinho, preto, de roda revirada, de veludo, copa de seda, enfeitada com penas, mis-sanga e laços de veludo com vidrilhos de pontas penduradas.

(Extractos do escrito de Augusto Severino Silva, sobre o «Traje da Mulher de Manhouce»).

Recolha de Valentim F. Bizarro

Gabinete de Estudos e Projectos de Engenharia

Executa Projectos de:

- Edifícios
- Estruturas de Betão Armado;
- Estruturas Metálicas;
- Saneamento Básico;
- Urbanizações;
- Vias de Comunicação.

Largo da Feira Nova
(Frente ao futuro Mercado Municipal)

3660 S. PEDRO DO SUL